

Saudação ao Professor António Coutinho pela outorga do título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Senhoras e Senhores,

Com muita honra, começo por ler a biografia do Professor António Coutinho.

António Coutinho formou-se em Medicina na Universidade de Lisboa (1969) e iniciou a sua especialização em Medicina Interna no Hospital de Santa Maria, em Lisboa.

Objector de consciência à guerra colonial, emigrou para a Suécia (1972), onde fez doutoramento em Microbiologia Médica com Göran Möller (1974), no Instituto Karolinska em Estocolmo, trabalhando em activação de linfócitos B. Descobriu então os “receptores a mitogénios” (hoje conhecidos como “Toll-like Receptors”) e o controlo genético do receptor ao lipopolissacárideo, bem como a necessidade de activação “inespecífica” nas respostas específicas aos antígenos, temas largamente popularizados décadas mais tarde. Logo fez a sua agregação em Imunologia (1974) e se estabeleceu como investigador independente com um lugar no Conselho de Investigação Médica.

No ano seguinte, todavia, mudou-se para o Instituto de Imunologia de Basileia, na Suíça, recentemente criado por Niels Jerne, onde iria passar 5 anos a trabalhar em activação de linfócitos T e cooperação T-B, reportórios de regiões variáveis e regulação da sua expressão, nomeadamente no contexto da teoria da rede idiotípica; datam deste período a invenção de uma técnica que permite a enumeração de todas as células produtoras de imunoglobulina, a descoberta dos princípios de activação de células T, a primeira clonagem de linfócitos (B e T) normais, a produção dos primeiros hibridomas de células T e uma visão integrada da determinação isotípica.

Saiu do Instituto com o seu fundador (1979), para assumir a cátedra e a direcção de um novo Departamento de Imunologia na Faculdade de Medicina da Universidade de Umeå, na Suécia, onde se iniciou no desenho e gestão de um instituto de investigação e no ensino graduado e pós-graduado. Desenvolveu

o estudo da dinâmica das populações linfocitárias e da expressão de reportórios, tendo demonstrado, nomeadamente, a elevada conectividade dos anticorpos em estadios precoces do desenvolvimento.

Em 1982, tendo sido eleito Professor na Faculdade de Medicina de Genebra (Suíça) e nomeado Director da Unidade de Imunobiologia do Instituto Pasteur em Paris (França), optou por esta alternativa. Dirigiu esta Unidade de 1982 a 1998, como Professor do Instituto Pasteur e Director de Investigação no CNRS, servindo ainda alguns anos como Director do Departamento de Imunologia. Considerou voltar à Suécia em 1987, tendo sido nomeado Professor de Imunologia e Director do Departamento na Universidade de Lund, mas acabou por ficar em Paris até ao seu regresso a Portugal.

Nesse longo período, o seu trabalho desenvolveu-se na genética da expressão de regiões variáveis de anticorpos e nas respostas inespecíficas às infecções, mas salientam-se três contribuições: impôs a noção de fisiologia da autoreactividade, a partir da descoberta da actividade autónoma do sistema imune e, com Stratis Avrameas, da caracterização dos (auto)anticorpos naturais e sua regulação; com Francisco Varela, desenvolveu as “redes imunes de segunda geração” e, com Nicole Le Douarin, produziu uma das primeiras demonstrações de células T regulatórias, descreveu a sua origem no timo e selecção no epitélio tímico, e introduziu a noção de “tolerância dominante” que estendeu à autoreactividade fisiológica.

Datam também deste período as primeiras iniciativas menos convencionais de António Coutinho na formação pós-graduada. Com Susumu Tonegawa, organizou no Brasil os cinco “Cursos/Simpósios Yakult”, que permitiram a um número considerável de jovens a familiaridade com investigadores de primeira linha e contribuíram para a internacionalização da Imunologia brasileira.

Tendo aceitado dirigir o Departamento de Ensino do Instituto Gulbenkian de Ciência em Oeiras, aí lançou em 1993 o primeiro Programa Doutoral em Portugal, baseado num novo formato de “corpo docente exclusivamente visitante” internacional e variável, conduzido fora das Universidades. Em razão do sucesso deste

programa, foi-lhe proposto assumir a Direcção do Instituto, tendo abandonado a sua actividade de investigação em 1998, para se dedicar inteiramente à reforma institucional e à renovação da ciência biomédica no país. Assumindo a missão de autonomizar precocemente jovens investigadores e de incubar novas lideranças, o Instituto Gulbenkian de Ciência adoptou um modelo não-hierárquico, de altas taxas de constante renovação e de partilha completa de todos os recursos, que o levou a alcançar rapidamente uma reputação única (nomeadamente, pelos seus programas doutorais) e uma invejável projecção nos rankings internacionais, sendo repetidamente considerado entre os melhores do mundo para o pós-doutoramento (The Scientist/Faculty of 1,000) e integrando o núcleo dos melhores institutos europeus em ciências da vida (EU-Life).

Durante este período, o IGC lançou, com o mesmo modelo, vários programas doutorais em áreas específicas (Neurociências, Biologia Computacional, Biomedicina Integrativa, MD-PhD), tendo cerca de 600 jovens iniciado formação doutoral no Instituto. A característica mais singular do IGC, todavia, é o “espírito institucional”, baseado na partilha dos princípios fortes de um “ethos” comum e nos valores da prática científica.

Convencido que, para se manter vivas, as instituições devem reformar-se com regularidade e que o Instituto atingira uma reputação que lhe permitiria recrutar um novo director de grande qualidade e reputação internacional, António Coutinho demitiu-se do cargo de Director do IGC em 2012, integrando actualmente o seu Conselho Directivo. Para além destas funções, é Curador da Fundação Champalimaud e Coordenador do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, dedicando o seu tempo à administração e avaliação da ciência, em múltiplos Conselhos Científicos e Comissões de Avaliação, na Europa, na América e na Ásia, nomeadamente no Brasil.

Entre as suas últimas iniciativas, destacam-se um novo Programa Doutoral “Ciência para o Desenvolvimento” em Cabo Verde, dedicado a jovens dos países africanos de língua portuguesa, apoiado pelos Governos Brasileiro e Português, bem como o lançamento em Portugal de uma iniciativa de “crowd-funding” para as ciências da saúde.

Senhoras e Senhores,

A leitura da biografia do Professor António Coutinho diz, por si só, de sua importância como Cientista e como Formador de Cientistas e de Instituições científicas no cenário mundial.

O Instituto de Ciências Biológicas, ao propor ao Conselho Universitário da UFMG a concessão do título de Doutor Honoris Causa, presta-lhe justíssima homenagem pelo muito que contribuiu para a Imunologia como ciência, e em especial, para o desenvolvimento da Imunologia brasileira.

A propositura da concessão dessa homenagem contribui concretamente para ampliação dos laços que unem o Professor António Coutinho a nossa Universidade e, em particular, à comunidade científica do ICB. O ICB é agora, mais um dos seus institutos.

Da nossa parte, como colegas, comunidade e instituição integrante da UFMG, estaremos ainda mais atentos a suas iniciativas atuais, em especial, a esse tão importante projeto luso-brasileiro de formação doutoral dedicado a jovens de países africanos de língua portuguesa.

Registro, com elevado reconhecimento, o privilégio de ter sido um dos seus alunos e colaboradores.

Na Unidade de Imunobiologia do Instituto Pasteur, em Paris (França) e mais tarde, no Instituto Gulbenkian de Ciência, em Oeiras (Portugal), convivi com suas ideias inovadoras sobre a Imunologia, a ciência e as instituições de pesquisa científica.

Nessa convivência aprendi muitas e muitas coisas. Menciono algumas.

Aprendi a admirar sua gentileza e generosidade no trato com seus pares, alunos e colaboradores. Embora Cientista da mais alta reputação, e talvez por isso mesmo, estava sempre disponível para ouvi-los e motivá-los nos desafios cotidianos de encontrarem os melhores caminhos para seus projetos de pesquisa.

Aprendi com professor António Coutinho a importância da colaboração como valor para a convivência, para o trabalho de pesquisa – a pesquisa é um trabalho – e para a vida das Instituições. O espírito cooperativo cria o ambiente comunitário no qual surge o clima institucional propício à explicitação das

indagações, da curiosidade, das utopias e das dúvidas - aspectos que favorecem novos desafios e elaboração intelectuais.

Apreendi também que a ciência vale por si mesma, pois permite-nos melhor compreensão do mundo e da vida; alimenta-se da dúvida e, desse modo, contribui para a tolerância e para a elevação do espírito humano.

Sua capacidade de estabelecer conexões entre diferentes áreas de conhecimento e entre instituições de diferentes países, permite-nos vê-lo, professor António Coutinho, como uma pessoa tão necessária ao nosso tempo: a que aproxima pessoas, culturas, nações – um construtor de convivência, de fraternidade, de paz.

Antonio Coutinho, Doutor Honoris Causa, é exemplo para nós todos, membros da comunidade acadêmica do ICB e da Universidade Federal de Minas Gerais.
Muito obrigado.